

Aspectos da Romanização no território português da Bética

Por

J. FRAGOSO DE LIMA

O trabalho que hoje apresentamos sobre a «Romanização na Margem Esquerda do Guadiana» (parte ocidental do Convento de *Hispalis*, província da *Baetica*), é de natureza geral. Pretendemos, simplesmente, dar aos leitores um esquema da acção exercida pelos romanos nessa região, conforme se depreende dos vestígios arqueológicos. Não passa dum resumo, duma síntese; só o estudo analítico duma estação ocuparia, pelo menos, espaço igual ao deste modesto registo. Como tal, omitimos, *tanto quanto possível*, longas descrições, referência aos processos de investigação utilizados, nótulas críticas e comparativas. Dos monumentos epigráficos limitamo-nos, no decorrer do texto, à transcrição das letras. Citamos, contudo, fontes onde o leitor poderá ver e estudar diferentes particularidades paleográficas (forma das capitais, separação das palavras, erros de canteiro, etc.). Por dificuldades de composição tipográfica, não reproduzimos os pontos de separação e sinais equivalentes. De material inédito, porém, publicamos fotografia ou desenho.

Levámos anos na recolha destes elementos. Iniciámos nossas investigações estudante ainda do Liceu. Despertou-nos o amor pelas coisas antigas o P.^o João Fragoso de Lima, investigador entusiasta e culto, que passou a vida a coligir *apontamentos* sobre antiguidades de Moura (Vid. José Go-

dinho Cunha «O Pároco João Fragoso de Lima», in *Jornal de Moura*, 18-IX-943 e Abel Viana «P.º João Fragoso de Lima», in «Arquivo de Beja», vol. IV, pp. 397-398, 1947). Suas informações serviram-nos de precioso guia na localização dalgumas estações. Nos *Apontamentos* refere-se o P.º João Fragoso de Lima a achados arqueológicos de épocas diferentes, por si observados e por uma geração de entusiastas (dos fins do século passado e primeiro quartel deste século). Com admiração registou seus nomes: Joaquim Pascoal de Faria, Visconde de Altas Moras, João Vila Nova de Vasconcelos Correia de Barros, Dr. Francisco Limpo Pereira de Lacerda e Dr. Paulo Limpo Pereira de Lacerda. Em 1884 criou, com objectos recolhidos nas imediações de Moura, Joaquim Pascoal de Faria um *Museu*, onde reuniu «... uma colecção de armas, uma colecção completa de medidas de barro, moedas, machados de pedra polida, um capitel coríntio, leques, escudos de nobres, etc.». (Veja o meu relatório: «História e Plano de Organização do Museu de Moura», in «Jornal de Moura», n.ºs de 24 e 29 de Abril de 1944.). Na mesma época, começava o Visconde de Altas Moras a fazer um *Museu* em sua casa. Juntou aí elementos valiosos: machados de pedra polida e de bronze, inscrições, ânforas, lucernas, moedas, etc. Desta colecção há no «Museu Etnológico» machados de bronze. A maior parte do espólio reunido por Joaquim Pascoal de Faria e pelo Visconde de Altas Moras perdeu-se; pouco resta em poder de herdeiros. Em 1915 conseguiram a criação do «Museu Municipal». Nomeado, então, conservador o P.º João Fragoso de Lima organizou secções de Pre-história, de Arqueologia Romana e de Etnografia. O Museu, porém, foi extinto em 1926 por determinação camarária. Nessa altura ordenou o referido pároco os citados *apontamentos*. Limitou-se a registar a natureza dos objectos e seu local de aparecimento. Em tal singeleza, suas informações, por lacónicas, são, às vezes, vagas e imprecisas. Transcrevo deles notas referentes a objectos e estações que me não foi possível estudar directamente, mas, para conhecimento do leitor, *faço isto entre aspas, sem qualquer referência bibliográfica.*

Em 1932, estudante, ainda, no Liceu, como disse, dei começo aos meus trabalhos arqueológicos. Assisti, na Vila de Moura, a demolições de prédios antigos, abertura de esgotos, cava de alicerces; percorri os campos, pedindo informações sobre o aparecimento de objectos e existência de ruínas ou lendas a trabalhadores rurais, a porqueiros, a pastores, etc. Datam desses tempos as seguintes publicações, que outro valor mais não têm do

que o de arquivo de elementos arqueológicos e etnográficos para quem quiser conhecer a região: «A Jordana», «Cercos de Moura pelos franceses», «Avó de Lourenço», «Fundação de Moura», «Ponte de Sua Alteza» (in «A Província», respectivamente nos números 13-V-932; 6-XII-932; 24-XII-932; 15 e 22-I-933), «Pequena Descrição do Castelo de Moura», «Moura e seu passado histórico», «A Salúquia não é lenda», «Perímetro Romano de Moura», «Lenda da Fundação de Serpa» (in «Jornal de Moura», respectivamente nos n.ºs 29-IX-934; 16-V-935; 14-9-935; 28-XII-935; de 3-X-936 a 16-I-937). A preparação que recebi na Faculdade e o contacto directo com os srs. Professores Leite de Vasconcelos e Manuel Heleno intensificaram meu entusiasmo e actividade. Solicitei, então, a pessoas amigas que me acompanhassem durante os trabalhos no campo. Pretendia, por meio de *testemunhas*, *garantir* autenticidade aos resultados obtidos. Entre outras pessoas, acompanharam-me em procura de estações arqueológicas os srs. Dr. Marcelino Fialho Gomes, Dr. Leonel Ribeiro, Dr. Francisco de Barros, José Godinho Cunha (actual Presidente da Câmara), Eng. Abrantes Varela, Prof. Faustino Jorge, Prof. Evaristo Marcos Pereira, José Valente Figueira, Albano de Jesus Domingos, Eduardo Bossa, Francisco Borges, Jacinto Manuel Pardal, Manuel de Brito, Francisco José de Brito, António Felisberto, José Maria Guerreiro, António Duarte, José Pereira Rato, Eng. Augusto de Brito Miranda, Arlindo Caldeira, Carlos Borralho Machado, Rafael Janeiro, Inocêncio Alves Coelho e Francisco António Rosado. A medida teve consequências satisfatórias: grande parte destas testemunhas tomou gosto pela Arqueologia e muito me ajudou mais tarde com lealdade, característica de seu temperamento honesto. É certo que houve desilusões: encontrei, também, quem desejasse, tecendo interesseira rede de intriga, pavonear-se com trabalho alheio... Na minha «Dissertação de Licenciatura» apresentei os principais aspectos da *Arqueologia da Margem Esquerda do Guadiana*, conforme os vestígios arqueológicos que durante anos recolhera *in loco*.

Nomeado Delegado Concelhio da 2.^a sub-secção da 6.^a secção da Junta Nacional de Educação (por alvará de 25-V-942) e, posteriormente, bolseiro do «Instituto para a Alta Cultura», continuei as investigações no concelho de Moura, mas sob a égide do «Centro de Estudos Históricos e Arqueológicos da Universidade de Lisboa», superiormente dirigido pelo sr. Prof. Manuel Heleno. Procedi, de colaboração com o Museu Etnológico, às escava-

ções e estudo metódico do «Castro da Azougada» e alarguei a área de meus trabalhos. De tudo apresentei relatórios ao «Instituto para a Alta Cultura» e dei conhecimento do mais importante na Imprensa local. O presente estudo deve-se, é certo, a todos os factores mencionados nas linhas anteriores, mas principalmente ao amparo que nos dispensou o «Centro de Estudos Históricos e Arqueológicos».

Declarámos supra que neste número de «O Arqueólogo Português» tratamos da Época Romana unicamente, considerada em seu aspecto geral. Para questões de análise citarei bibliografia especial em altura precisa. Quanto aos monumentos existentes, os que não se conservam *in loco*, pode o leitor vê-los no actual Museu de Moura, que reorganizei em 1941, ou noutras colecções públicas e particulares referenciadas no decorrer do texto.

Subordina-se a nossa exposição ao seguinte esquema:

A — *Vestígios duma cidade romana*

B — *Estradas Romanas*

C — *Estações agrárias*

D — *Estações metalíferas*

E — *Castros Romanizados*

F — *Antas Romanizadas*

Julgamos, assim, contribuir para o conhecimento da *Bética* romana nos aspectos urbano e rural, religioso e económico, civil e militar.

A

VESTÍGIOS DUMA CIDADE ROMANA

O chamado *Itinerário de Antonino Pio* dá notícia de três cidades no ocidente da *Baetica* (*Arucci*, *Finis* e *Serpa*), cuja localização tem sido (Vid. Fig. 1. Conf. Fig. 19).

Observámos em 1935 que *Moura levanta-se dentro de vasta estação romana* («Perímetro Romano de Moura», in «Jornal de Moura», 28-XII-935). Como esta vila é uma das povoações alentejanas de maior

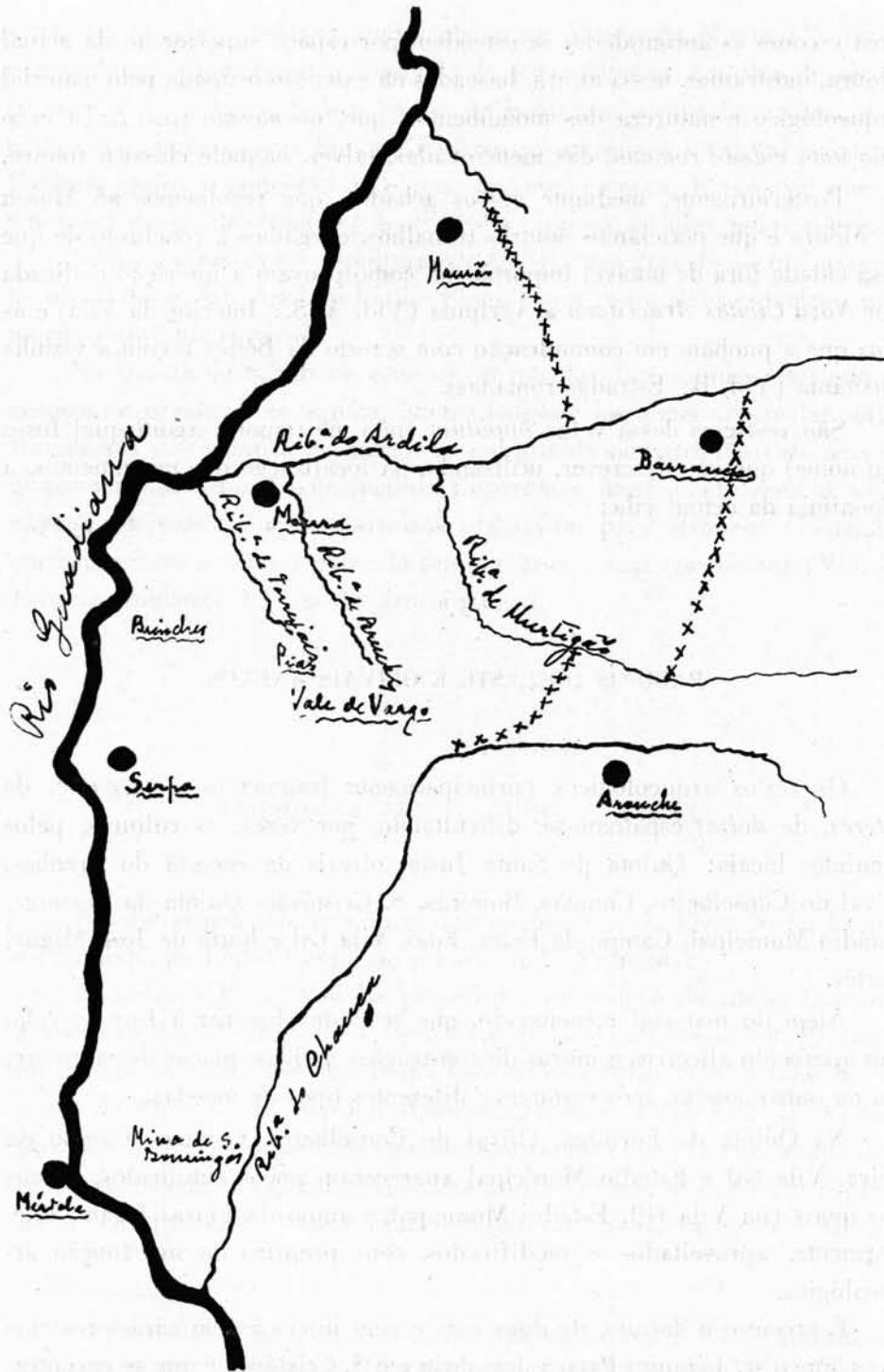


Fig. 1

Margem Esquerda do Guadiana (Parte portuguesa da Baetica)

área e como as antiguidades se estendem por espaço superior ao da actual Moura, mostrámos, nessa altura, baseados na extensão ocupada pelo material arqueológico e natureza dos monumentos, que, no *mesmo sítio tinha existido uma cidade romana*, das mencionadas, talvez, naquele clássico roteiro.

Posteriormente, mediante outros achados, que recolhemos no Museu de Moura e que noticiámos noutros trabalhos, chegámos à conclusão de que essa cidade fora de notável importância, como provam a inscrição dedicada por *Nova Civitas Aruccitana* a Agripina (Vid. A, 5.: Interior da Vila) e as *vias* que a punham em comunicação com o resto da Bética e com a vizinha Lusitânia (Vid. B: Estradas romanas).

São vestígios dessa velha *oppidum* (não me importa agora qual fosse seu nome) que vou descrever, utilizando, na localização dos monumentos, a toponímia da actual vila:

1.º

BAIROS DO LESTE E OLIVAIS ANEXOS

Os restos arqueológicos (principalmente fragmentos de *tegulae*, de *lateres*, de *dolia*) espalham-se, dificultando, por vezes, as culturas, pelos seguintes locais: Quinta de Santa Justa, olivais da encosta do Brenhas, olival do Conselheiro, Comuas, Boieiras, S. Cristóvão, Quinta da Formiga, Estádio Municipal, Campo da Feira, Fojo, Vila Gil e horta de José Miguel Cortês.

Além do material mencionado, que se pode observar à flor do solo, têm aparecido alicerces e muros de construções antigas, placas de mármore, um ou outro *pondus*, mós manuais e diferentes tipos de moedas.

Na Quinta da Formiga, Olival do Conselheiro, Comuas, Campo da Feira, Vila Gil e Estádio Municipal apareceram poços entulhados, alguns dos quais (na Vila Gil, Estádio Municipal, Campo da Feira) foram, ulteriormente, aproveitados e modificados, com prejuízo de sua função arqueológica.

É precioso o *dolium*, de duas asas e com inscrição em caracteres curvados, que o sr. Joaquim Pataca descobriu em S. Cristóvão e que se encontra,

salvo um ou outro defeito, ainda inteiro no Museu de Moura ⁽¹⁾. Neste mesmo local «desenterrou o Visconde de Altas Mouras, nos fins do século passado, duas ânforas, hoje na posse de herdeiros, e uma inscrição», cujo texto e paradeiro ignoro. Em S. Cristóvão encontrei em 1940, tal como nas Boeiras, vários fragmentos de olaria da mesma época. É possível que as nascentes dessa ubérrima região tivessem sido exploradas pelos romanos.

Tenho notícia duma sepultura, descoberta nos fins do século passado no olival do sr. Dr. António Fialho Pinto, «com restos dum esqueleto, uma moeda e um unguentário.»

Na Quinta de S.^{ta} Justa e no olival que lhe fica vizinho (do lado da encosta de Brenhas), as *tegulae*, *lateres* (alguns dos quais inteiros) e outros fragmentos de cerâmica encontram-se em grande número, mais do que em quaisquer dos sítios mencionados. Deparamos neste ponto com a velha *estrada calcetada*, que os carreiros utilizavam para *Arouche* (Espanha), correspondente na maior parte do seu percurso a uma *via romana* (Vid. B: Estradas romanas, I.^a Via de *Arucci Vetus*). X

2.º

BAIRROS DO SUL E COURELAS ANEXAS

Espólio semelhante tem aparecido em terrenos da Porta Nova, Estação de Caminho de Ferro, Cemitério e Forte de S. Francisco.

Quando na Porta Nova se procedeu à demolição da antiga *Carvoaria* e abertura dos alicerces da Pensão Central foi «encontrado um pavimento de mosaico romano, logo mutilado, mas de que, felizmente, o falecido Visconde de Altas Moras guardou alguns fragmentos» (Vid. Fig. 2). Na abertura dos alicerces dos prédios vizinhos apareceram «uns fornos, uma ânfora, lucernas, moedas de Constantino». Na altura em que se construiu o prédio do sr. Dr. Francisco Viegas Franco depararam os operários com alicerces

(1) Foi recolhido pelo sr. António Duarte, então guarda daquele Museu, que publicou a notícia «O Dolium do Olival de S. Cristóvão», in «Jornal de Moura», 6 de Abril de 1945.

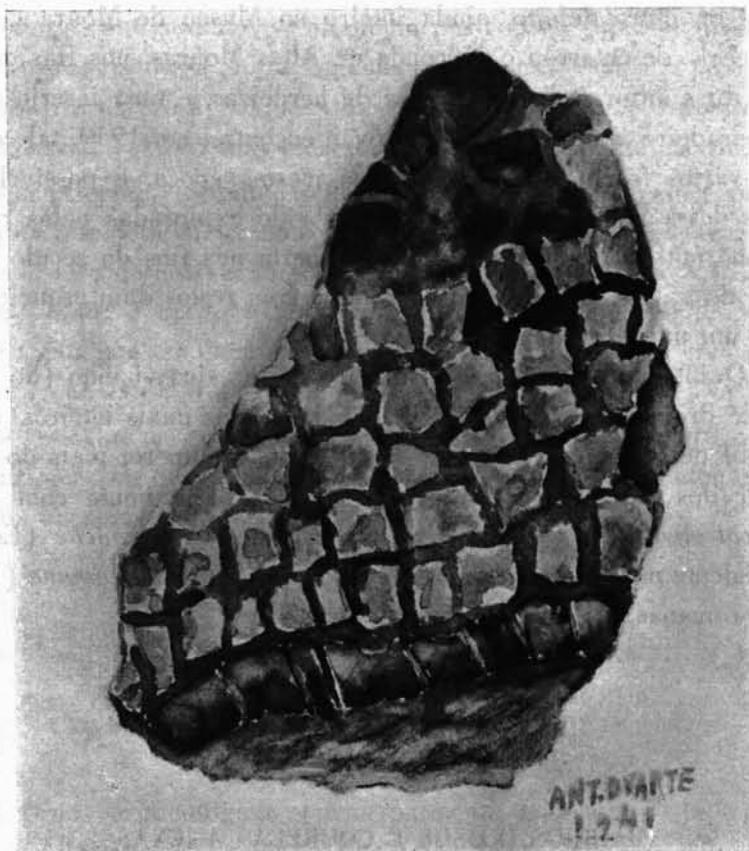


Fig. 2

Fragmento de mosaico da Porta Nova (Moura)

antigos. Neste local já reoli fragmentos de cerâmica romana. Durante a construção do actual Cemitério, no século passado, «encontraram-se poços entulhados e cerâmica romana». Quando caiu uma das muralhas do Forte de S. Francisco «apareceu uma casa entulhada, da qual se recolheram bocados de *tegulae*, dois fragmentos de lucerna e moedas do tempo do Império».

Próximo da Quinta de S. Lourenço, em direcção à ermida do mesmo Santo, deparamos com uma *estrada calcetada*, que os carreiros utilizavam para Vale de Vargo, Aldeia Nova e Mértola (Vid. B: Estradas Romanas, 4.º, Via de *Myrtilis*).

3.º

BAIRROS DO OESTE E OLIVAIS ANEXOS

Nestes sítios também é usual o aparecimento de fragmentos de *tegulae*, de *lateres*, de *imbrices*, de *dolia*, bem como mós manuais, escórias metálicas, placas de mármore e moedas.

Quando se construiu o bairro de Salúquia «apareceram sepulturas, um peso de lagar e uma das pedras em que, no antigo sistema de varas, assentavam as ceiras, bem como diferentes tipos de cerâmica e de moedas».

Comunicou-me o lavrador sr. José Ramiro Rato que encontrou, durante a preparação das terras, nas Encarreiradas, três potes entulhados, ladrilhos, bocados de telha e moedas.

Julgo que a nascente da courela de S. Tomé foi aproveitada pelos romanos, dada a quantidade de fragmentos de olaria que lá observamos.

Em terrenos da Pipa, da Horta das Amendoeiras, do Convento de S.^{to} António e de Avó de Lourenço os fragmentos de cerâmica (*tegulae*, *imbrices*, *lateres*) são mais numerosos do que em qualquer outro local. Também aqui deparámos com bocados de mármore e vimos, emergindo à flor do solo, vestígios de muros (*opus incertum*).

A velha estrada calcetada, utilizada por almocreves e *regateiros* para Beja, partia de terrenos do Forte, próximo das Encarreiradas (Vid. B: Estradas Romanas, 2.º: Via de *Pax Julia*).

4.º

BAIRROS DO NORTE

Temos, igualmente, encontrado bocados de *tegulae*, de *imbrices*, de *lateres*, de *dolia*, mós manuais, placas de mármore e escórias metálicas durante a lavra de olivais da estrada da Barca, das Sete Casas e das alturas da Jordana.

Nos bairros das Sete Casas e de S. Sebastião «apareceram sepulturas, unguentários, lucernas, moedas e uma ânfora».

No Rossio do Carmo (Sete e Meio) encontrei *tegulae*, *imbrices* e fragmentos de *dolia*. Têm-me oferecido neste local várias moedas e uma lucerna. No Museu de Moura foi depositada pelo pedreiro mestre Colga uma estatueta de bronze dum guerreiro, descoberta no mesmo sítio.

Na altura da construção do bairro registou o P.^o João Fragoso de Lima em seus apontamentos o aparecimento de «sepulturas, poços entulhados (alguns escavados na rocha), silos, alicerces, pavimentos de mosaico e um tanque em forma de banheira».

Observaram, antes do levantamento do referido bairro, o mesmo Pároco e o lavrador José Ramiro Rato os princípios, neste sítio, da *estrada calcetada* que outrora os carreiros utilizavam para *Évora* (Vid. B: Estradas Romanas, 3.^o: Via de *Ebora*).

5.^o

INTERIOR DA VILA

No Largo de S.^{ta} Clara encontrei fragmentos de *tegulae*.

Na Praça (moderna Praça de Sacadura Cabral), na Mouraria, no Matadouro, Rua do Pinheiro, Rua Longa e Rua de Arouche têm aparecido, em quintais e durante a cava de alicerces e de esgotos «telhas, ladrilhos, vasos, lucernas, placas de mármore, fustes de colunas, capitéis, restos de mosaicos, casas entulhadas». Há provenientes destes sítios no Museu de Moura exemplares completos de *tegulae*, de *imbrices* e de *lateres*, recolhidos pelo Visconde de Altas Moras. É vulgar nesta parte da Vila o aparecimento de moedas romanas.

Deparámos, rente ao solo, com restos de muros na Praça, em frente da Fonte de S.^{ta} Comba, à entrada da Ladeira do Carmo. Calculamos que sejam romanas, porque, no mesmo local, embora sob outros pavimentos da Praça, «foram descobertas casas entulhadas, donde se recolheram duas lucernas, fragmentos de uma ânfora e moedas de Constantino».

Temos conhecimento de silos, com material daquele tempo, em diferentes pontos de Moura, principalmente na Rua de Arouche e na Mouraria.

O fuste e a base do *Pelourinho* ⁽²⁾ pertenceram a um monumento romano, decerto grandioso dadas as dimensões da coluna, qualidade do mármore e perfeição de talhe.

É no morro do *Castelo*, porém, que se concentra a maioria das antiguidades romanas de Moura, posto que muito misturadas com materiais doutras épocas.

Conhecemos deste local fragmentos de *tegulae*, de *imbrices*, de *lateres*, silos, moedas, lucernas e restos de ânforas.

Era na Cerca do Convento de Nossa Senhora da Assunção do Castelo que se encontrava a *inscrição romana dedicada a Agripina* (hoje à entrada da escadaria da Câmara Municipal). A localização desta lápide (tal como o problema de *Arucci*) deu que pensar e escrever ao insigne E. Hübner. No citado convento de Moura a encontraram e copiaram, com mais ou menos erro, diferentes viajantes e historiógrafos anteriores ao século XIX. Hübner referiu-se a ela em várias publicações e registou-a no «*Corpus Inscriptionum Latinarum*» (vol. II, n.º 963). Judiciosamente observou o douto epigrafista, noutro trabalho, que o monumento devia ter pertencido ao pedestal duma estátua de Agripina. Pena é que englobe, também, esta inscrição no período «... ambas ya no existen...» («*La Arqueologia de España [y Portugal]*», Barcelona, 1888, p. 111). Noutros lugares («*Inscriptionum Hispaniae Latinarum Supplementum*», 1892, pp. LXVI e 834), Hübner, embora simplesmente na menção dos topónimos actuais, continua a manifestar indecisões, mas, tal como anteriormente, parece tomar opinião favorável a *Arouche* (Espanha). O *Corpus* levou, neste ponto, a inexactidões o saudoso mestre Doutor Leite de Vasconcelos («*Religiões da Lusitânia*», vol. II, 1905, p. 159). Grande foi a surpresa deste arqueólogo, em 1938, quando lhe mostrei *in loco* o referido monumento. Corrigiu, então, o que anos antes escrevera (Vid. a entrevista que nos concedeu: «O Alentejo agradecido ao Professor Doutor Leite de Vasconcelos», in «*Jornal de Moura*», 7 de Setembro de 1938).

(2) O *Pelourinho* de Moura foi abatido em 1855. Os restos foram empregados na ornamentação duma parede na Praça da Verdura. Retirados deste local em 1925 seguiram para uma arrecadação da Câmara, onde o P.º João Fragoso de Lima os reconheceu em 1942. Nesse ano mandei recolhe-los no Museu de Moura.



Fig. 3

A inscrição que «Nova Civitas Aruccitana» dedicou a Agripina

Actualmente, distinguem-se na lápide as seguintes letras (Vid. Fig. 3ª)

... LIAE AGRIPPINA
 IS AVGERMAN
 ... MATRI AVG N
 CIVITAS ARVCCITANA

Já tratei desta inscrição em vários trabalhos. Pode o leitor ver a reconstituição, a leitura e o comentário paleográfico no nosso estudo «Inscrição Romana da Câmara Municipal de Moura» (in «Boletim da Casa do

Alentejo», Novembro, 1944). Pensava D'Arbois de Jubainville que a lápide fora gravada entre os anos 54 e 59 da era cristã («Les Celtes en Espagne», in «Revue Celtique», tomo XIV, Paris, 1893, p. 387).

No sítio onde se encontrou a inscrição apareceram, também, dois enormes *capitéis coríntios*, um dos quais em poder de herdeiros do Visconde de Altas Moras, que, possivelmente, pertenceram ao mesmo monumento. Em demolições no Convento tem-se registado, entre os materiais empregados na construção dos muros, colunas partidas e em 1942 observei, ainda, num subterrâneo, sob o pavimento da rua, um fuste, constituído por blocos de granito, cuja disposição lembrava monumentos idênticos de *Conimbriga*. Encravada na parede duma casa medieval encontrava-se, junto à Cerca do Convento, uma placa de mármore ornamentada, restos prováveis dum friso romano, que mandei recolher no Museu de Moura.

Com vestígios de muros antigos deparamos pelo Castelo, emergindo rente ao solo, que parecem, pela orientação, ser anteriores à construção das muralhas e torres. Não podemos, porém, atribuir-lhes origem romana uma vez que nessas camadas de terra remexidas se apresentam elementos de diferentes civilizações. O mesmo pensamos das sepulturas que, nos fins do século passado, «apareceram na Ladeira do Mercado». Neste ponto, a julgar pelo desenho de Duarte d'Armas, parece que se levantava um *arco romano*, semelhante, na disposição das pedras, aos das fortalezas de *Ebora*, de *Pax Julia*, etc. Nenhuma cronologia é possível atribuir a velhas canalizações que atravessam o sub-solo do Castelo e outros sítios da Vila, a que a Tradição atribui lendas, algumas muito poéticas. Admito, sem os exageros dos investigadores regionais, que algumas muralhas e torres possam ter origem na Época Romana, principalmente na parte do N. Aqui, extremo superior da encosta do Brenhas, registei, rente ao solo, vestígios de muralhas, sem dúvida, dada a posição, já em ruínas no tempo em que D. Dinis construiu a linha de adarves e torreões existentes.

Creio que as *Águas Termas* do alto do Castelo foram utilizadas pelos romanos e talvez um dos motivos que levaram estes à ocupação do velho castro. Uma das nascentes, pelo menos, já era aproveitada por volta de 1052 pelos muçulmanos, que aí construíram ou *restauraram* uma fonte. Numa das paredes laterais da *Fonte Árabe*, junto à qual se elevava uma

torre, conserva-se, ainda, a *Inscrição Cúfica de Almotadide*, publicada há poucos anos pelo sr. A. R. Nyckl (in «Al-Andalus», vol. V, fasc. 2, 1940, pp. 402 e 403). E quando, em 1931, se aprofundou o poço desta fonte, recolheram-se, entre os detritos, fragmentos de *tegulae*, que o sr. David Carvalho mais tarde me confiou.

Acabámos de apresentar, mediante um modesto registo de antiguidades, que chegaram a nosso conhecimento, cuja maioria observámos directamente «in loco», o panorama *duma cidade romana que existiu no local onde, actualmente, se levanta a vila de Moura*. Essa cidade era importante, como se depreende da extensão ocupada pelos vestígios arqueológicos, natureza de alguns monumentos (fustes de colunas, capitéis, uma inscrição), das suas ligações com o resto da Bética e com a Lusitânia (Vid. B: Estradas Romanas), da dedicatória a *Agripina* e da designação de *Civitas*, que a referida inscrição transmite.

Torna-se, agora, lícita a pergunta: Qual seria o *nome dessa cidade*?

A própria inscrição declara: *NOVA CIVITAS ARVCCITANA*, vocábulo derivado, indiscutivelmente, do conhecido topónimo *Arucci*.

Segundo os velhos historiógrafos do Renascimento havia nesta parte da *Baetica* duas *Arucci*: *Arucci Nova* («vel» *Nova Civitas Aruccitana*), que corresponde a Moura e *Arucci Vetus* que seria a moderna vila de Arouche (Espanha). Damos-lhes, neste ponto, razão.

As duas primeiras formas deduzem-se da inscrição de Moura; a terceira também se supõe do atributo *Nova*, gravada na mesma inscrição, que implica a existência duma *Arucci Vetus*, de que o actual topónimo Arôuche (pop. *Arôxe*) constituirá uma reminiscência fonética. As variantes do nome (em Plíneo, em Ptolomeu, no Itinerário, na Inscrição de Moura), formas aliás equivalentes sob o ponto de vista filológico, devem-se, segundo julgo, a dificuldades de transcrição precisa, em Grego e em Latim, de sons do Onomástico peninsular e também ao facto desses registos não serem, rigorosamente, contemporâneos: cada um deles data de período diferente da Romanização.

A *Arucci* do Itinerário é *Arucci* [*Nova*] e não *Arucci* [*Vetus*], dada não só a proximidade de Moura em relação a *Ebora*, *Pax Julia*, *Serpa* e *Myrtilis*, mas também porque a mesma Vila é o ponto de cruzamento, como demonstram *in loco* os restos arqueológicos, das únicas vias romanas conhecidas em toda a Margem Esquerda do Guadiana (parte ocidental da *Baetica*, convento de *Hispalis*).

B

ESTRADAS ROMANAS

Sobre as estradas romanas da parte portuguesa da *Baetica*, os arqueólogos construíram, em face das distâncias marcadas no *Itinerário*, variadíssimas hipóteses de gabinete, muito geométricas — justo é dizê-lo —, mas que não resistem ao estudo dos monumentos existentes. Evitemos, portanto, perder tempo com tais conjecturas, fontes doutras hipóteses, suas derivadas, de localização de cidades, em absoluto desconhecimento da região. Carecem de fundamento, quanto à Margem Esquerda do Guadiana, as observações de Bellemann e de seus seguidores, posto que muito bem feitas a respeito doutras regiões. O mesmo sucede a diferentes cartas geográficas, entre as quais cito, por sua importância, a do «*Inscriptionum Hispaniae Latinarum Supplementum*».

Menciona o chamado *Itinerário de António Pio* vias romanas no ocidente do Convento de *Hispalis* que ligavam *Arucci* [*Nova*], *Finis* e *Serpa* ⁽³⁾ a *Ebora*, *Pax Julia* e *Myrtilis* na Lusitânia. Desde já observo que nem sempre os dados transmitidos pelo *Itinerário* estão em absoluta concordância com os vestígios arqueológicos.

A essas vias correspondem antigas carreiras, ainda hoje utilizadas em transportes não motorizados, que saem de Moura para Beja (*Pax Julia*), para Évora (*Ebora*) e para Mértola (*Myrtilis*). Delas fez éco o *Itinerário*.

⁽³⁾ Num estudo muito substancioso e recente «*Le Bas Alentejo et l'Algarve*», Lisboa, 1949, o sr. Eng. Mariano Feio, seguindo um texto de Abel Viana, incluiu a p. 50 *Sirpa* («*vel*» *Serpa*) no convento jurídico de *Pax Julia*. Lembro, no caso de edições futuras, que *Serpa* não pertencia convento de *Pax Julia* (Lusitânia), mas ao convento de *Hispalis* (Bética).

Além destas uma outra carreteira existe, correspondente, também, a uma via romana, que ligava *Arucci [Nova]* a *Arucci [Vetus]* mas que o referido roteiro não registou.

Ao longo de todas essas carreteiras encontrei *ordens sobrepostas de calçada*, localizei dum e doutro lado estações romanas e numa delas tive a felicidade de encontrar uma *marco miliário* (Vid. 4.º: Via de *Myrtilis*).

Tratei do estudo pormenorizado das velhas vias beticenses em vários trabalhos, principalmente em relatórios para o «Instituto para a Alta Cultura». Remeto o leitor para o meu estudo: «Vestígios de vias romanas na parte ocidental do Convento de *Hispalis*» (separata da revista «Las Ciencias», Madrid, 1950), onde, apesar das gralhas tipográficas, poderá observar, minuciosamente, a localização dos monumentos e seu estudo analítico, que o carácter desta síntese não comporta.

1.º

VIA DE ARUCCI [VETUS]

Esta via, conhecida pelo nome de *Calçadinha*, devia partir da *Rua de Arouche* e há dois anos mostrava ainda ordens de calçada junto à *Quinta de S.ª Justa* (Vid. A: 1.º Bairros do Leste e olivais anexos). Até há pouco tempo ainda era utilizada por almocreves e *regateiros* em transportes para Espanha.

A via passava pelos seguintes locais:

- a) *Encosta do Brenhas*, onde encontramos restos de *calçada*.
- b) *Brenhas*. Neste barranco há vestígios duma ponte e um pedestal de mármore.
- c) *Calçadinha* onde se conservam, com nitidez, várias ordens sobrepostas de *calçada* (origem do topónimo). Dum e doutro lado da carreteira, encontramos, neste local, campos de *tegulae*, de *imbrices*, de *lateres* e outro material idêntico em estação da mesma natureza.
- d) *Coutada*, com material semelhante ao da *Calçadinha*.

e) *Freguesia de Santo Amador*, com estações romanas de que são conhecidas duas inscrições:

MODESTAMO

DESTI FILIA

PACENSIS

ANN XII

TRPDS

(t. t. l.) MATERF

(Apud. C. I. L., II, n.º 970)

. LVLVS (Apud Pedro A. de Azevedo in «Extractos das Memórias Paroquiais», «Arqueólogo Português», vol. I, p. 192).

f) *Antiga freguesia da Coroada*, onde rente à carreteira, próximo do *Motum* e da riquíssima estação do *Cabeço Redondo*, deparei com restos dum *marco miliário* (hoje no Museu de Moura), sobre cuja inscrição, já indecifrável, devido a mutilações e a vegetação criptogâmica, foi gravado, talvez no século XVII, letreiro em Português.

g) *Frenteira*, junto da qual de novo aparecem, à flor da carreteira, *ordens sobrepostas de calçada*. Próximo, em terrenos de *Encinasola* (Espanha) foi encontrado outro *marco miliário* (*Corpus*, II, n.º 4686). Quanto à inscrição transcrevo a cópia de *Masdeu*, mais precisa no *curso honorum* do que a de *Gallegos*:

IMP CAES AVG

VSTVSTRP XXX

PMCOS XII PA

TER PATRIAE

h) *Arouche*. Transposto o *Chança*, a estrada devia subir a encosta do Oeste do morro onde modernamente se levanta o castelo de *Arouche*, antiga *Arucci* [*Vetus*]. São conhecidas antiguidades romanas deste local e eu próprio observei algumas na Vila e em seu agro (O aproveitamento de *antas* na Época Romana no sítio de *Pasa l'Abad*, junto aos meandros do *Chança*, próximo de *Rosal de la Frontera*). É de supor, passando por *Italica*, a ligação de *Arouche* com *Sevilha* (*Hispalis*), sede deste convento jurídico.

2.º

VIA DE PAX JULIA

A distância indicada no *Itinerário* entre *Arucci [Nova]* e *Pax Julia* é, com pouca diferença, a mesma que uma velha carreteira, em parte *calçada*, mede entre Moura e Beja. O facto foi, criteriosamente, previsto por Cristóvão Aires («História Orgânica e Política do Exército Português», vol. II Origens, Lisboa, 1898, p. 224).

Esta estrada saía dos bairros do Oeste de Moura, talvez do *Forte*, próximo das *Encarreiradas* (Vid. A, 3.º, Bairros do Oeste e olivais anexos). Passava pelos seguintes pontos:

a) *Farelos e Ladeirinha Branca*, onde registámos diferentes *ordens sobrepostas de calçada*.

b) *Pizões*. Neste local deparamos com *ordens de calçada* e com restos duma ponte sobre o Barranco, de fundamentos talvez romanos. Localizámos neste sítio, dum e doutro lado da estrada, estações romanas constituídas por fragmentos de *tegulae*, de *imbrices*, de *lateres* e outro material idêntico ao de estações da mesma época. Numa das guardas da ponte existe uma grande placa de mármore.

c) *Mate Sete*, com vestígios de *calçada*.

d) *Amoreira*, com uma ponte antiga, pelo menos medieval, possivelmente construída sobre muros duma outra romana.

e) Proximidades de *Brinches*, onde localizei estações romanas idênticas às dos *Pizões*. Graça Afreixo atribui a Brinches origem romana (in «Memória Histórico-Económica do concelho de Serpa», Coimbra, 1884, p. 52).

f) Herdade da *Salsa* (Vid. o meu artigo «Estação Romana da Salsa», in «Jornal de Moura», 25 de Abril de 1942. Cfr. a notícia de Leite de Vasconcelos in «De Terra em Terra», vol. II, Lisboa, 1927, p. 221).

g) Freguesia das *Neves*, onde encontrámos *ordens de calçada* e uma ponte romana sobre o *Cardeira*.

h) Campos de *Beja (Alcoforado, Bórgia)*, com restos de *calçada* e



Fig. 4

Um arco romano de *Pax Julia*

uma ponte antiga construída, também, possivelmente, sobre alicerces duma outra romana.

i) Entrada de *Beja*, ao *Pelame*. Vemos, ainda, neste ponto, restos de *ordens sobrepostas de calçada*, junto à linha de Ferro. Parece este facto indicar a passagem da via por terras do moderno bairro das *Alcaçarias*. É possível que entrasse na fortaleza de *Pax Julia* pelo *Arco da Guia* (monumento romano restaurado devido a esforços de Abel Viana) ou por qualquer outro arco que existisse na encosta do lado E, para lados das *Portas de Moura* (Vid. Fig. 4.^a. Um arco romano de *Pax Julia*).

Ignoro, quanto à ligação da Bética com a Lusitânia, se a travessia do *Anas* (Guadiana) era feita por ponte ou a vau. O topónimo *Gravia* e as ricas estações arqueológicas do *Vale da Cardeira* e de *Quintos* afiguram-se-me como indícios da passagem da estrada por terrenos desta freguesia, primeiro lugar da *Lusitânia* depois do *Anas*.

3.º

VIA DE EBORA

A velha carreteira, que liga Moura a Évora, corresponde à via, registada no Itinerário, que desta região partia para *Ebora*.

A estrada *calcetada* saía de Moura do *Rossio do Carmo* (Vid. A, 4.º Bairros do Norte).

Encontrámos *ordens sobrepostas de calçada* nos seguintes locais:

- a) Encosta do *Brenhas*. Sobre este ribeiro conserva-se ainda a *Ponte romana*, modificada nas guardas (Vid. Fig. 5).
- b) Encosta E dos olivais da *Forca*.
- c) Alturas da *Pardaloqueira*.
- d) Quinta da *Esperança*, com estações romanas.
- e) *Porto de Mourão*, também com estações romanas. A passagem do *Ardila* é feita por passadeiras, talvez romanas.

Em mais nenhum local da carreteira encontrei ordens de calçada. Penso que a via, a partir de *Porto de Mourão* (no *Ardila*), devia afastar-se um pouco do terreno acidentado das *Colaças* e de *S. Bernardo*, até que, em sítio favorável, possivelmente nas proximidades da região *castreja* dos *Ratinhos* e dos *Bravos*, pudesse estabelecer ligeira curva para alcançar *Porto de Évora* (no Guadiana).

De *Porto de Évora* a *Monsaraz* apresenta-me, em carta de 15-V-943, o activo investigador sr. Dr. José Pires Gonçalves a seguinte hipótese: «... em documentos do século XIII se alude,, claramente, a uma via de



Fig. 5

Ponte romana do Brenhas, na via de *Ebora*.

comunicação — uma estrada que ainda hoje vai mergulhar na margem direita do Guadiana, junto ao chamado *Porto d'Évora* ... [...] ... Parece-me, todavia, que não seria temerário admitir que uma das antigas vias de comunicação entre a Lusitânia e a Bética fosse indetectável com a estrada trecentista que vejo expressamente referida em documentos autênticos (Foral primitivo de Monsaraz, Livro dos bens de D. João de Portel)».

Nada anotámos de Monsaraz a Évora quanto ao percurso da via. Dadas condições topográficas e toponímicas, suponho sua passagem por terrenos de *Vale de Moura* (local de *antas*, recentemente estudadas pelo Dr. G. Leisner). Em *Ebora*, devia entrar na Fortaleza por algum *arco romano*, semelhante ao de *D. Isabel*, que talvez se levantasse nas proximidades das Portas de Moura:

Não encontrei, em *Porto de Évora*, junto ao *Anas*, vestígios de qualquer ponte.

4.º

VIA DE MYRTILIS

Também a ligação entre a Bética e *Myrtilis*, documentada no *Itinerário*, corresponde a partes da carreteira, ainda em alguns pontos *calçetada*, por onde almocreves e «regateiros», no desejo de encurtar caminho, se deslocam a *Vale de Vargo* e a *Mértola*.

Parte a carreteira de Moura, junto à *Horta de S. Lourenço* (Vid. A, 2.º Bairros do Sul). Mostra aí *ordens de calçada*.

A antiga via passava pelos seguintes lugares:

a) *S. Lourenço*. Há neste local restos de *calçada*, com campos de *tegulae*, de *lateres*, de *imbrices* dum e doutro lado.

b) *Machados*, onde observei, também, restos de *calçada* e localizei estações.

c) *Belmeque*. Manifestam-se, neste sítio, vestígios de *calçada*. A estação do *Poço das Sapateiras* (com muros em ruínas) está à beira da estrada. De Belmeque é conhecida uma ara com inscrição dedicada a *Mercúrio*, cujo texto transcrevo:

MIA
PEX VO
TO MIIR
CVRIO

Talvez a inscrição, ainda que indirectamente, esteja relacionada com a via: *Mercúrio*, entre outros atributos, era *deus do Comércio* e *salvaguardava os caminhos*.

d) *Corte do Alho* (freguesia das Pias). Vi aqui restos de *calçada*, que atravessa uma estação romana. O aspecto desta é idêntico ao de muitas



Fig. 6

Marco miliário da via de *Myrtilis* (Corte do Alho)

outras: *tegulae*, *imbrices*, *lateres* recamam, em abundância, o solo. Junto ao «monte» da herdade deparámos com enormes blocos de mármore trabalhados. No lado esquerdo do caminho, encontrámos um *marco miliário*, com a marca de VIII e inscrição referente ao imperador Adriano (Fig. 6.

Vid. o meu artigo «Marco miliário de Adriano», in «Jornal de Moura», 8 de Setembro de 1942). Apresento a cópia do letreiro:

.....

 . . . R A I A I A N V S
 H A D R I A N V S A V G V S
 T V S P M T R I B P O
 T E S T V C O S I I I
 R E F E C I T
 V I I I

e) *Corte de Messangil* (freguesia de Vale de Vargo). A carreteira devia passar, nas proximidades de Vale de Vargo pela *Fonte de S. Miguel* (na *Corte de Messangil*), dada a importância extraordinária da estação. Julgo ter existido neste sítio a cidade de *Finis*.

A área da povoação morta e a qualidade do material chamaram há séculos a atenção de André de Resende («De Antiquitatibus Lusitaniae», tomo I, Coimbra, 1790, p. 233). Transcrevo o texto das seguintes inscrições da *Fonte de S. Miguel*, remetendo o leitor, quanto a particularidades paleográficas, como anteriormente avisei, para as fontes que indicamos:

DIS MAN
 IBVS AVRILIAII
 MF GALLAII A
 NNO XII
 HSESTTL (C. I. L.: II, n.º 969)

DIS MANIBVS
 AVRELIAE ARCONIS FANNIAE
 ANNORVM XVI
 hic. s. e. s. t. t. l.

(Apud Abel Viana: «Arqueologia Alentejana», in «Diário do Alentejo», 26, 27 e 30-VIII-941)

. . . M
 . . . OBAERIO
 . . . ASCVLO
 . . . RVBRIGESIS
 . . . N XVII MVI
 D XX IX
 H S E S T T L (Ibidem)

Também eu próprio encontrei em Vale de Vargo uma ara, proveniente da *Fonte de S. Miguel*, com vestígios de inscrição (Vid. Fig. 7).

.
 VI
 M

f) *Serpa*: Esta povoação corresponde à antiga cidade de *Serpa* (Vid. o meu estudo «Localização da cidade romana de *Serpa*», in «Boletim da Casa do Alentejo», Novembro de 1944). Não me refiro às diferentes antiguidades romanas desta vila por muito conhecidas; transcrevo, simplesmente, do «*Corpus*» (II, n.º 971) a seguinte inscrição:

DMS
 FABIA PRISCA
 SERPENSIS C R
 ANN XX HSESTTL
 C GEMINIVS PRIS
 CVS PATER ET
 FABIA CADILLAMA
 TER POSVERVNT

Por aqui passava a via de *Myrtilis*, tal como se depreende do *Itinerário* e da orientação dos vestígios arqueológicos. Numa azinhaga, próximo da Vila, encontrei restos de *ordens sobrepostas de calçada* e uma ponte antiga. Creio que a ponte do *Echoé* (ou *Enchoé*), pelo menos medieval, fazia parte da via. Quanto a outras antiguidades romanas deste concelho remeto o leitor

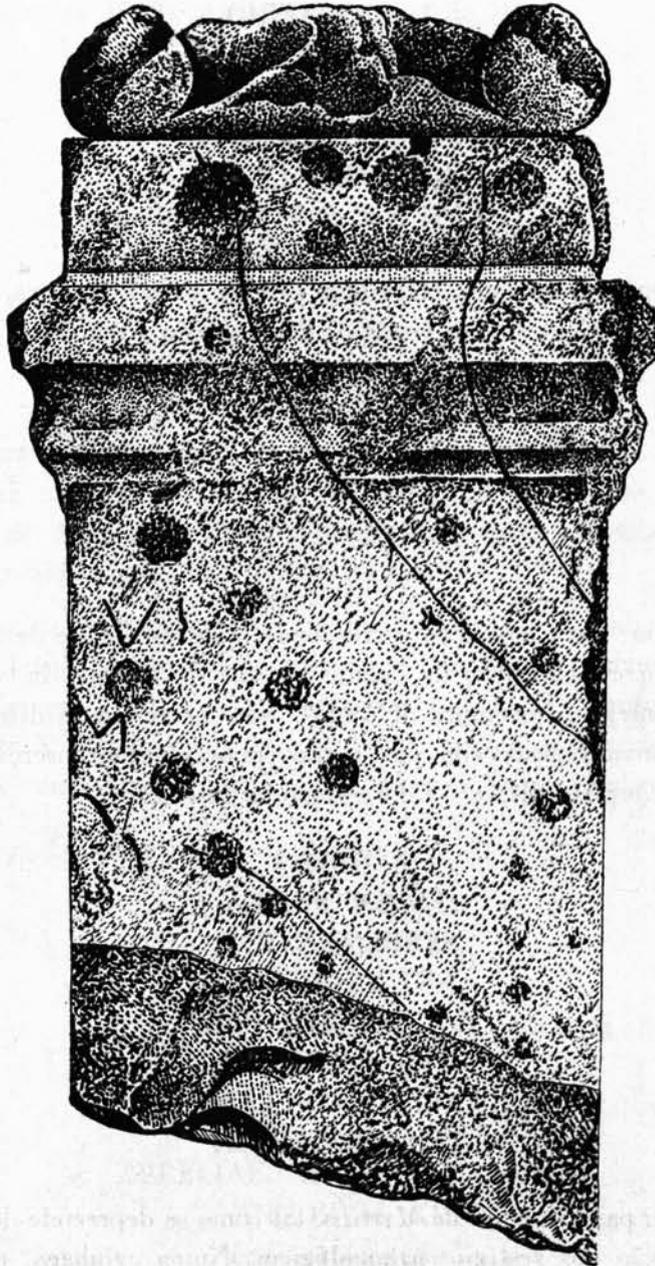


Fig. 7

Ara da Fonte de S. Miguel (Vale de Vargo)

para o meu artigo «Estudos na vila de Serpa» (in «Jornal de Moura», 24 de Agosto de 1944).

g) *Serra de Serpa*: A vetusta via militar subia, em direcção a *Myrtilis*, a *Serra de Serpa*. O sr. Dr. Francisco Rocha comunicou-me a existência duma *carreteira calcetada* nessa região. Perto destes sítios, em *S.^{ta} Iria*, recolheu o sr. Dr. Leopoldo Guimarães Castela uma ara, hoje na colecção do sr. Dr. J. de Oliveira Manaia (Vid. «A Voz», 24-XI-933. Cfr. o meu citado artigo «Estudos na vila de Serpa»), cuja inscrição transcrevo:

DEAE MEDICAE
PROCLA
RVFI FILIA
DEVALS

Sobre a ribeira de *Limas* há uma ponte, possivelmente, construída, como tantas outras, sobre alicerces romanos.

h) *Corte Pinto*: A via, uma vez transpostas as *Serras de Serpa* e de *Mértola*, tinha de atravessar terrenos da *Corte Pinto*. Servia, neste ponto, a *Mina de S. Domingos*, explorada pelos romanos.

Desta zona arqueológica são conhecidas antiguidades. Pela minha parte localizei, na Corte Pinto, as póvoas mineiras de *S. Romão* e de *Mata Colebras*. Próximo, em *Paymogo* (província de *Huelva*, Espanha), encontrei a estação de *Paymoguillo* ou *Paymogo Viejo*, onde, com Eduardo Bossa e o Capitão José Souto, desenterrei a seguinte inscrição (Fig. 8):

IV GRATILLIA
. I GEN
S ESTL

i) *Mértola*: A via terminava junto às águas do *Anas*, em frente dos muros de *Myrtilis*. Temos conhecimento de antiguidades romanas na margem esquerda do rio, defronte da conhecida *ponte* ou *cais*, hoje em ruínas, na margem direita (Vid. Figs. 9 a 13).

Calculo que, desse lado, a entrada de *Myrtilis* devia ser na *Misericórdia*. Ainda hoje há, neste sítio, vestígios dum *arco romano* (Vid. Fig. 14). Numa das paredes laterais deste monumento, encontrou Estácio da Veiga («Memória das Antiguidades de Mértola», Lisboa, 1880, pp. 72-75) uma



Fig. 8

Inscrição de *Paymoguillo* (*Paymogo*, Espanha)



Fig. 9

Um aspecto da ponte ou cais de *Myrtilis*

inscrição, que, por muito estragada, levou o mesmo arqueólogo a omissões. Actualmente a lápide apresenta as seguintes letras:

.....
..... ANV
..... ALIS
..... D

(Vid. o meu artigo «Uma inscrição romana de Mértola», in «O Éco dos Estudantes», 21-IV-948).



Fig. 10

Outro aspecto da ponte ou cais de *Myrtilis*

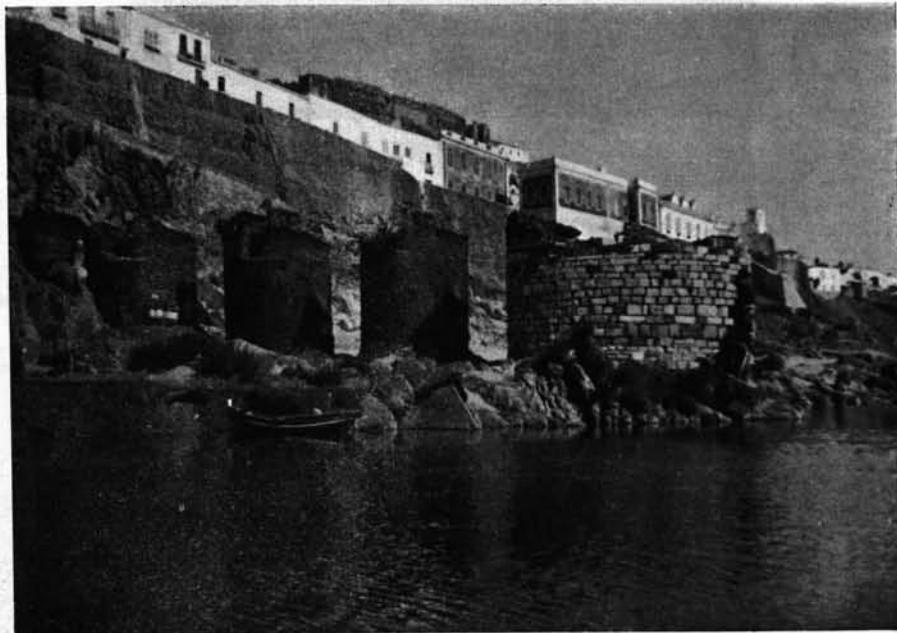


Fig. 11

Outro aspecto da ponte ou cais de *Myrtilis*

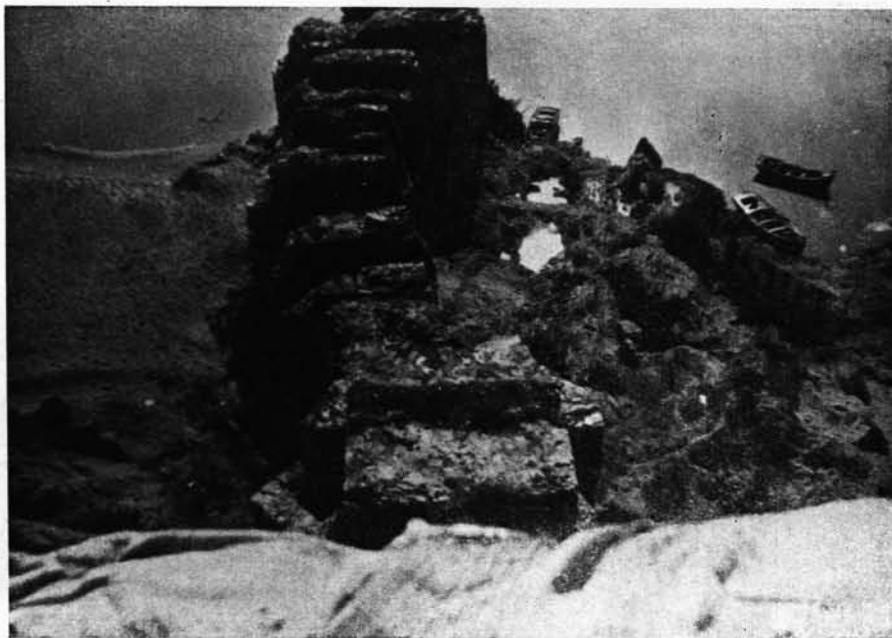


Fig. 12

Outro aspecto da ponte ou cais de *Myrtilis*

C

ESTAÇÕES AGRÁRIAS

Observámos, nas páginas anteriores, vestígios de *ciudades* e *vias* da parte ocidental do convento de *Hispalis*, ao longo do *Anas*, na província da *Baetica*.

Registemos, agora, alguns tipos de *pagi* e de *villae*.

O material destas estações é constituído, de maneira geral, por fragmentos de *tegulae*, de *lateres*, de *dolia*, de ânforas e vasos, mós manuais, pesos, inscrições, pedras de lagar de azeite, moedas, restos de construções. Levantavam-se em sítios favoráveis ao cultivo de cereais, especialmente em zonas de barro. Também as há junto de fontes ou de várzeas férteis de ribeiros, o que, aliado à descoberta de *canalizações*, demonstra o interesse votado à horticultura. O aparecimento de silos, de potes soterrados, de ânforas mostra o espírito de previsão, disciplinadora economia desses antigos agricultores, que à preparação e irrigação das terras votaram mais

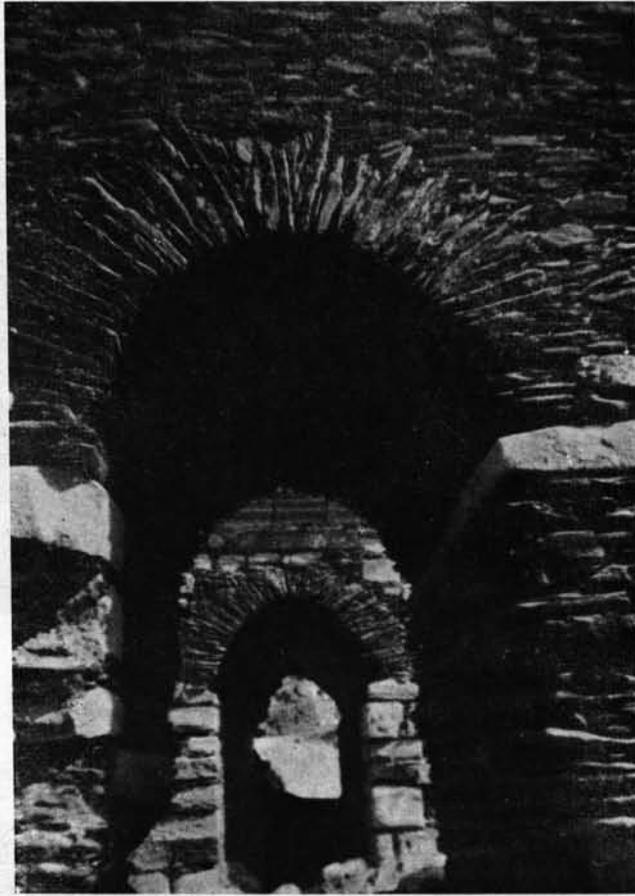


Fig. 13

Outro aspecto da ponte ou cais de *Myrtilis*

cuidado do que os alentejanos de agora. Prudentes, como os lavradores de nossos dias, recheavam, a par dos celeiros e adegas, em desejo ardente de multiplicação de bens, seus cofres e mealheiros de barro. Documenta, entre outros factos, este sentimento a descoberta dum *mealheiro*, com moedas de cobre do Baixo Império, na Herdade da *Torre* (Veja o meu artigo: «Estação Romana da Herdade da Torre», in «Jornal de Moura», 24 de Julho de 1943). Algumas estações testemunham esplendor passado: colunas, capitéis, mosaicos. A própria cerâmica (inclusivamente as *tegulae*), em absoluto contraste com os meios rústicos ou rebeldes à influência latina, revela o alto nível social a que chegou a população dessa parte da Bética.



Fig. 14

Restos dum arco romano de *Myrtilis* (Arco da Misericórdia)

1.º

AGRO DE *ARUCCI* [*NOVA*]

a) *Tapada*, onde em 1938 descobri uma ara (Veja o meu estudo: «Estação Romana da Tapada», separata dos n.ºs 912 e 915 do «Jornal de Moura», 1947), com a seguinte inscrição:

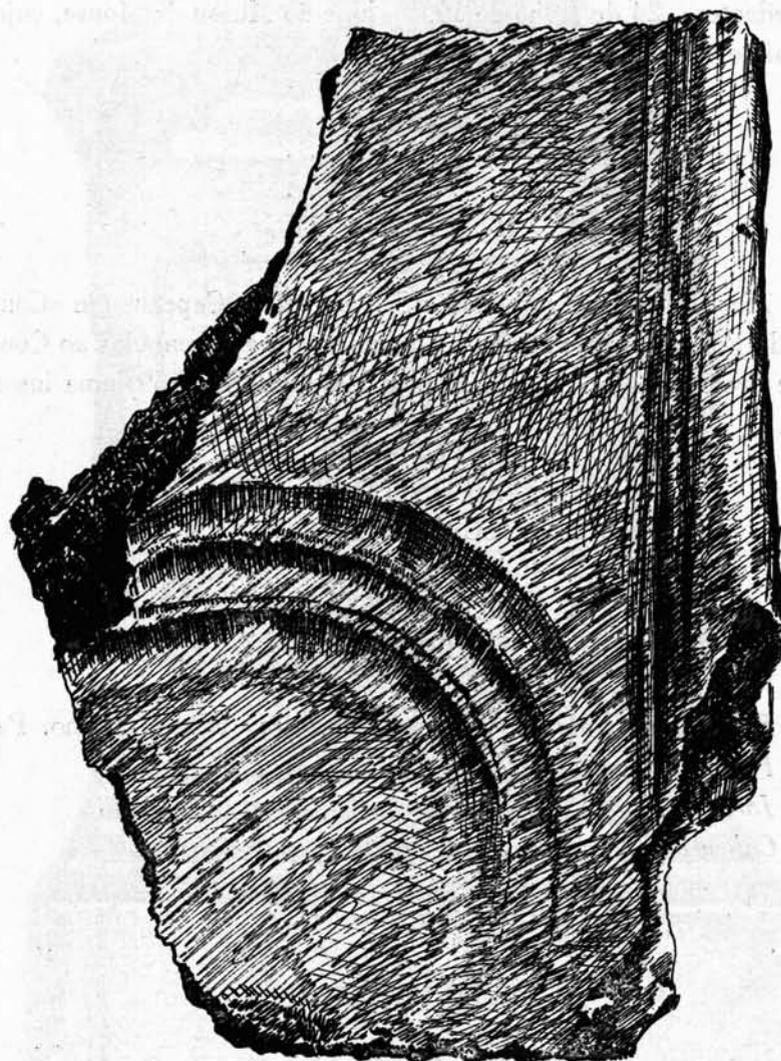
.....
.....
.....
VEVISIT
ANNIS XXXX
MARITVS
PONIT
HSESTTL



Fig. 15

Fragmento de *Later* da Tapada

- b) *Pizões* (Vid. B, 2.º Via de *Pax Julia*, b).
- c) *Estações do Vale do Amoreira*: Belmeque, Poço das Sapateiras, Corte do Alho, Herdade da Pipa, Casqueiros, Torre (Sobre estas estações veja o meu artigo: «Estação romana da herdade da Pipa», in «Jornal de Moura», 23 de Janeiro de 1943 e 24-VII-943).



ANT. DVARTE
1941

Fig. 16

Fragmento de *tegula* da Tapada

d) *Zambujeira* (S.^{to} Aleixo), onde apareceu uma ara com inscrição (Vid. o meu artigo «Inscrição romana do concelho de Moura», in «O Éco dos Estudantes», 24 de Julho de 1947), hoje no Museu de Moura, cujo texto é o seguinte (Fig. 17):

DMS
P
AN
H TTL

e) *Pias*. Deste local publicou a Sr.^a Dr.^a Rosa Capeans (in «Congresso do Mundo Português. Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de Pre e Proto-História», vol. I, Lisboa, 1940, pp. 556-559) uma inscrição:

APOLAVSIS
ANTISTIAEPP
ISCAE DELICI
VM ANNICIA
DIERVVM XXXXVIII
HSESTIL

- f) *Estações do Sobral*: Carrasca, Parreira, Touril, Álamo, Palhais.
g) *Porto de Mourão*.
h) *Jordana*.
i) *Calçadinha*.

2.º

AGRO DE SERPA

a) Herdade dos *Manuéis*, onde o sr. Dr. Rocha recolheu a seguinte inscrição que publiquei no cit. art. «Estudos na vila de Serpa»:

DMS
FLAVIA
ANNORVM
XXXHS ESTTL

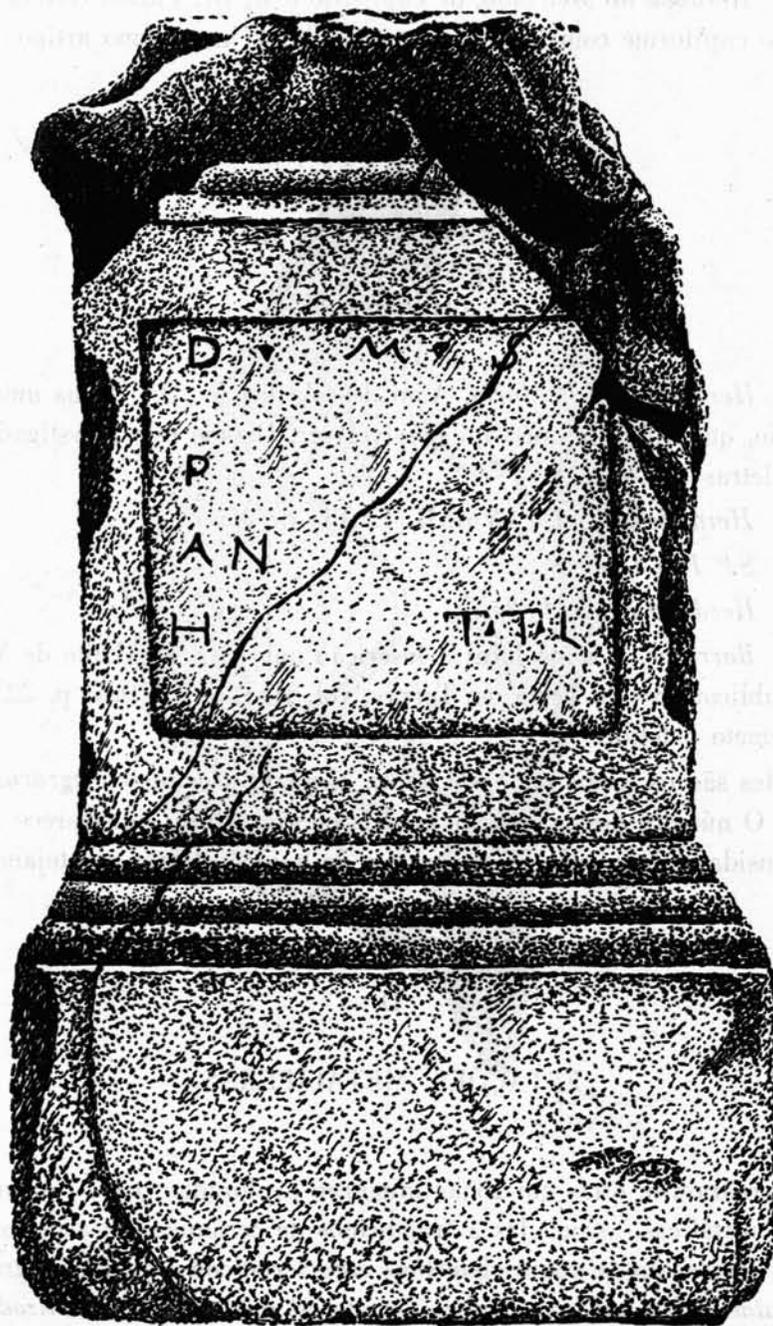


Fig. 17

Ara da Zambujeira (Santo Aleixo)

b) *Herdade do Meirinho*, de cujo sítio o sr. Dr. Pulido Garcia guarda um cipo cupiforme com inscrição, que publiquei no mesmo artigo:

DMS
GALL S
ANNX X
FRATES A
CIENDV
HSESTTL

c) *Herdade de S.^{ta} Maria*. Aqui descobriu o sr. Dr. Rocha uma outra inscrição, que ainda me não foi possível ver. Diz-me este investigador que tem as letras: ELVIA.

d) *Herdade da Salsa* (Vid. B, 4.^o Via de *Myrtilis*).

e) *S.^{ta} Iria* (*Ibidem*).

f) *Herdade de D. Brites*.

g) *Barrosas*. É deste local a inscrição que o sr. Dr. Leite de Vasconcelos publicou in «De Terra em Terra», vol. II, Lisboa, 1927, p. 225, para onde remeto o leitor.

Estes são os locais onde até agora observei as *estações agrárias* mais típicas. O número destas, porém, é mais elevado, facto que parece indicar uma densidade de população superior à de hoje em terras alentejanas.

D

ESTAÇÕES METALÍFERAS

Encontram-se estas em zonas mineiras exploradas pelos romanos. As escórias metálicas, associadas a fragmentos de cerâmica, de aspecto muito rústico, apresentam-se como elementos característicos. O carácter grosseiro das *tegulae* e das *imbrices* lembra o material dos *castros romanizados*, refractários, como observarei, à influência latina. Calculo, por isto, que seriam nativos os trabalhadores das *arrugia* da Bética.



JEREIRA

Fig. 18

«Imbrex» dum castro romanizado (Castelo da Bezerra de Ouro)

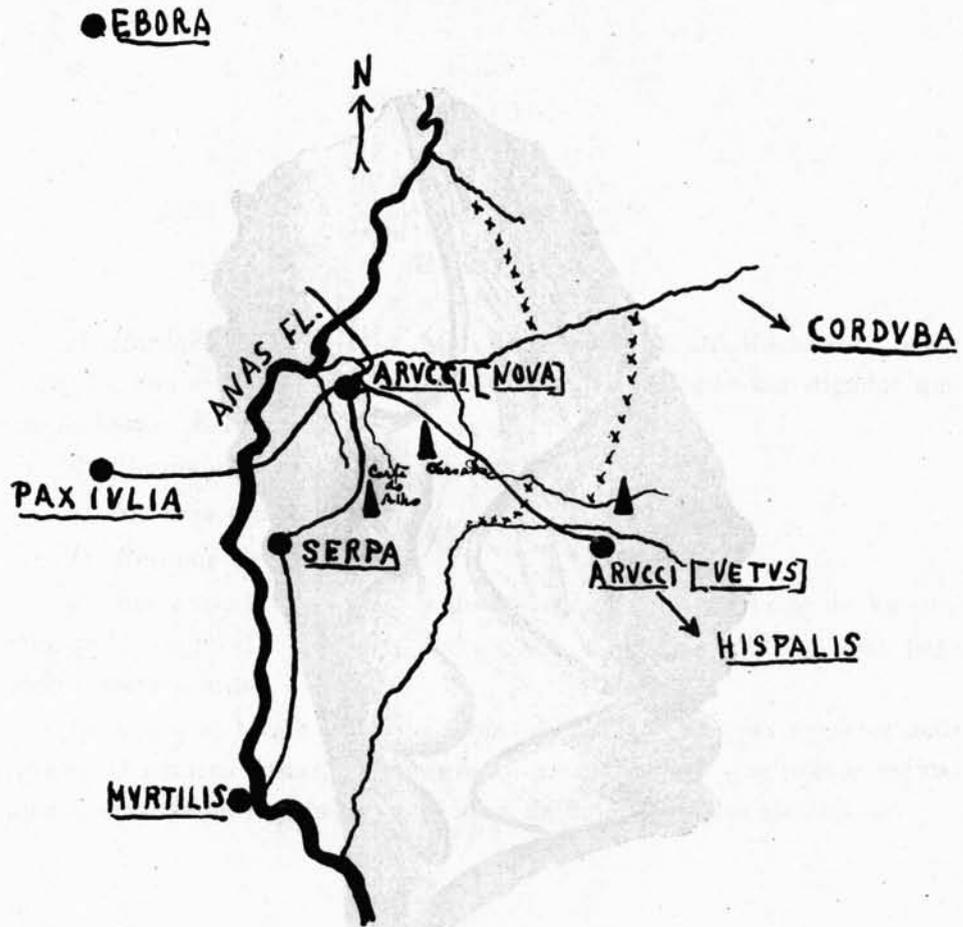


Fig. 19.

As vias romanas no ocidente da Baetica (Convento de Hispalis)

Nota: Este esquema foi traçado segundo o curso das carreteiras *calcetadas* e a localização dos marcos miliários e das principais estações.

Encontrei tipos de póvoas mineiras:

- a) Nas imediações das *Minas da Adiça* (Cerca do Touril, Carrasca, Gargalão).
- b) Na área da *Mina de Rui Gomes* (Cabeço das Loendreiras e Cabeço dos Alqueives).
- c) Na zona da *Mina de S. Domingos* (Mata Colebras, S. Romão e «Paymoguillo»).

E

CASTROS ROMANIZADOS

Na região deparamos com alguns castros *romanizados*. O material (por enquanto só conheço o superficial) é idêntico ao doutras estações, embora acuse, no feitio e ornamentação, principalmente das *imbrices*, um acentuado particularismo, resistência platonizada de povos submetidos à dominação romana (Fig. 18).

Encontrei testemunhos da Romanização, entre elementos de culturas anteriores, nos seguintes castros: *Castelo da Bezerra de Ouro* (S.^{to} Aleixo), *Castelo de Safarejinho* (S.^{to} Aleixo), *Cabeços de Sant'Ana* (nas Covas Fundas), *Outeiro da Barca* (ao Guadiana).

F

ANTAS ROMANIZADAS

As mamôas dalguns dólmenes já se encontravam destruídas na Época Romana. Os monumentos, então, seriam, possivelmente, aproveitados como *malhadas*. Encontrei fragmentos de olaria romana (principalmente de *tegulae*) na câmara e em volta das *antas* da *Póvoa de S. Miguel*, do *Álamo*, de *Palhais* e de *Pasa l'Abad* (estas últimas em Espanha).

